

# ENCONTRO DOS GTS DO COLÓQUIO DE MODA

DE 16/10 A 02/12 DE 2020 - ONLINE

## **Corporeidade, Moda e Emancipação: Reflexões sobre raça e gênero na construção de um corpo político**

MATOS. Suelen Karini Almeida de. Mestranda. Universidade Federal do Paraná.<sup>1</sup>  
suelenmatos@ufpr.br.

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem como objetivo trazer algumas reflexões sobre a moda, em um aspecto mais amplo que contemple não somente o vestuário, mas toda uma estética, atuando como ferramenta de emancipação social e política em diálogo com corpos generificados e racializados por um sistema patriarcal e racista. Parto do meu campo de pesquisa com mulheres negras, afroempreendedoras que participam e organizam a já tradicional feira do Afroempreendedor na cidade de Curitiba para pensar como a forma em que se apresentam esteticamente contribui para formação de uma corporeidade da mulher negra e emancipada.

Início minhas reflexões pensando a relação do corpo e de seus marcadores sociais, neste caso, gênero e raça, onde mesmo nu, esse corpo continua sendo marcado por expressões sociais que ditam a forma que ele será visto e tratado pelo outro. Para isso, trarei como referencial teórico o trabalho de Nilma Lino Gomes (2019) para pensar esse processo de emancipação de um corpo que foi racializados através da colonização, onde o grupo hegemônico começa a construir estereótipos para corpos negros. Depois, trarei a reflexão sobre ideais de beleza impostos pela sociedade e como a moda também pode ser ferramenta de questionamento e emancipação feminina negra com o resgate de códigos estéticos ancestrais. Trago como referencial Lars Svendsen (2010) em “Moda: Uma filosofia” para compreender essa relação da moda com o corpo, partindo do conceito de que, ao nos colocarmos no mundo, “procuramos uma identidade no corpo, e as roupas são uma continuação imediata deles (SVENDSEN, 2010, p. 86). Também mencionarei o

---

<sup>1</sup> Designer de moda graduada pela Universidade Positivo (UP), especialista em Africanidades e Cultura Afro-brasileira pela Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR) e atualmente mestranda em Antropologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bolsista CAPES.

# ENCONTRO DOS GTS DO COLÓQUIO DE MODA

DE 16/10 A 02/12 DE 2020 - ONLINE

trabalho de Carol Barreto e Leandro Soares da Silva (2015) para refletir sobre os aspectos discursivos que a moda constrói.

Por fim, descrevo meu campo de pesquisa, a partir de uma observação participante, tendo em vista o levantamento teórico até o momento, para se refletir como essas questões são transmitidas por minhas interlocutoras na maneira em que elas se preparam para um evento tão importante, pensando em qual mensagem querem comunicar e o que isso tem a dizer sobre suas corpos políticos. Como a pesquisa ainda está em andamento, trago percepções e não conclusões pois será necessário saber diretamente com elas como realmente se sentem diante desta construção corporal, desse corpo político e em constante processo de emancipação que tem como aliada a moda.

## **CORPO E SEUS MARCADORES SOCIAIS**

Uma vez uma professora da pós-graduação em antropologia me disse que para se pensar a construção corporal, eu não deveria me ater somente ao vestuário, mas também observar quais outros atributos estão marcados neste corpo e o que eles representam no contexto no qual estou trabalhando. Ela estava se referindo diretamente ao meu campo atual de pesquisa, que é uma feira do afroempreendedor que acontece mensalmente na cidade de Curitiba, onde tenho como interlocução principal mulheres negras, em sua grande maioria, na faixa etária de 50 anos, que expõem produtos e organizam o evento. A partir daí comecei a pensar em como esses corpos, que passaram por um processo de generificação e racialização em nossa sociedade que atribui o ser homem e/ou ser mulher dentro de moldes patriarcais arcaicos em junção com o processo de colonização como responsável pela racialização de alguns corpos, estes que foram ditos e vistos como inferiores em relação aos corpos brancos. Além disso, o fator idade também entra dentro deste debate, pois estamos nos referindo a um campo composto pela sua maioria de mulheres mais velhas e isso interfere na forma em que vão se colocar hoje, as referências estéticas e políticas que vão se identificar.

Mesmo sem roupas, (...) o corpo nu estará sempre “vestido” em razão de suas definições sociais (SVENDSEN, 2010, p. 89), ou seja, o corpo sempre estará marcado

# ENCONTRO DOS GTS DO COLÓQUIO DE MODA

DE 16/10 A 02/12 DE 2020 - ONLINE

por raça, gênero e idade, neste caso, além de outros fatores, e isso é algo bem difícil de esconder ao olhar do outro. O fato desses marcadores sociais estarem presentes faz com que este corpo seja visto de forma subalterna pela sociedade, um corpo que não tem direitos ao cuidado, a vida, um corpo marginalizado.

No últimos anos os debates raciais emergiram de forma considerável em nossa sociedade brasileira, mas é importante salientar que a luta dos movimentos negros no país é de longa data. Uma das pautas políticas, principalmente no que diz respeito ao movimento feminista negro, é a respeito da emancipação do corpo da mulher negra que até os dias atuais é visto como um corpo a serviço da branquitude, um corpo sexualizado quando é mais claro e marginalizando quando é mais escuro. No Brasil, segundo GOMES (2019) existe uma tensão entre regulação e emancipação pois ao debatermos sobre isso estamos entrando em um campo profundo que fala sobre (...) vivências e saberes produzidos coletivamente (GOMES, 2019, p. 132), afinal estamos falando de emancipação social, um processo de empoderamento que nunca é individual, mas sempre coletivo.

Muitos mecanismos foram e são utilizados com a finalidade de emancipar estes corpos do sistema capitalista e hegemônico. O corpo emancipado é a construção política da estética e da beleza negra (GOMES, 2019, p. 134). Neste processo, a autora pontua algumas práticas que são utilizadas para conquistar essa emancipação corporal, dentre elas estão a dança, arte e a moda. Roupas, acessórios, turbantes e extensões capilares são alguns dos diversos códigos vestimentares utilizados dentro desta construção corporal emancipatória e política. As roupas reescrevem o corpo, dão-lhe uma forma e uma expressão diferente (SVENDSEN, 2010, p. 88). A construção desta beleza negra parte da

(...) tentativa de superar uma realidade social que trata uma série de construções culturais como dados naturais, surge no interior da comunidade negra a construção política do conceito de beleza e estética negra. Esse conceito invade o campo da estética corporal e também das artes plásticas. A expressão beleza negra pode ser entendida como uma estratégia de emancipação do movimento negro e de mulheres negras. Esta também é uma estratégia complexa e tensa dentro dos processos de emancipação-regulação sociorracial. (GOMES, 2019, p. 137).

A produção de significados que constituem a beleza negra deste grupo social faz parte do processo de materialização que a moda permite que aconteça, um novo repertório de imagens começam a ser articuladas, uma construção indentitária e política de

# ENCONTRO DOS GTS DO COLÓQUIO DE MODA

DE 16/10 A 02/12 DE 2020 - ONLINE

existência, onde a moda se torna agente de construção social. O corpo da mulher negra, em intersecção com os códigos vestimentares faz com que ele (...) se torne em instrumento relacional com o outro e com o mundo onde tem sido um forte elemento de afirmação política da identidade negra no momento atual (GOMES, 2019, p. 45), em um sentido do coletivo, essas mulheres negras entram em processo de comunicação e identificação com suas semelhantes projetando isso para o macro da sociedade. Mais do que projetar e construir uma identidade, esse processo emancipatório corporal atua como marco de luta da prática antirracista.

## **MODA COMO AGENTE POLÍTICO**

Ao se apropriar de elementos que lembrem a “África mãe que lhes foi tirada”, ao trazer a força ancestral materializada na indumentária, a comunidade negra de forma geral, questiona os padrões estéticos impostos pela sociedade, no que diz respeito ao corpo quanto a tudo que se adere a ele, pois, (...) as roupas são uma continuação imediata dele (SVENDSEN, 2010, p. 86).

No século XIX, mulheres eram proibidas de usarem calças, principalmente na França, (...) já que a separação das coxas de uma mulher, mesmo que por um pedacinho de pano, era considerada francamente obscena. (SVENDSEN, 2010, p. 98). Essas determinações que limitavam o uso de diversos tipos de roupas devido ao gênero atribuído aquela pessoa, determina a diferenciação dos códigos vestimentares de forma binária entre masculino e feminino, reforçando o ideal de identidade de gênero que é atribuído para as roupas, estruturando o conceito de roupas de menino e roupas de menina, também contribui para um ideal estético feminino de como a mulher deve ser, parecer e vestir. O movimento feminista da época lutou para a utilização de calças por mulheres, com o modelo de peça denominada *bloomers*, simbolizando a autonomia e poder feminino, fazendo com que o debate a respeito da forma como elas deveriam se vestir e questionando padrões estéticos e de gênero da época.

Pensando sob essa perspectiva, o movimento militante negro em união com o movimento feminista das mulheres negras, luta não pelo uso das peças que materializam a estética negra, mas sim, pelo não uso da branquitude de forma esvaziada e simplista. O

# ENCONTRO DOS GTS DO COLÓQUIO DE MODA

DE 16/10 A 02/12 DE 2020 - ONLINE

sistema capitalista tem contribuído para a mercantilização das peças que representam um ideal político e de resistência da população negra.

Um exemplo foi a discussão sobre o uso de turbantes pelas pessoas brancas. Naquele momento, estava em jogo não a forma como se usava um adereço, mas a maneira como o capitalismo se apropria de símbolos étnicos antes vistos como feios, usados por macumbeiros, e os vende como símbolos politicamente corretos. (GOMES, 2019, p. 138)

Ao questionar esses padrões e a apropriação cultural por parte da branquitude, as mulheres negras subvertem um sistema estético, questionando e rompendo (...) com os padrões dos grupos hegemônicos e compõem a aparência como ativismo político (BARRETO, 2015, p. 53). Essa nova produção estética constrói uma (...) representatividade que pode e deve trilhar por caminhos emancipatórios. (BARRETO, 2015, p. 54), mas pode também ir mais longe, construindo o corpo emancipado, aquele corpo que sai do lugar do estereótipo criado pela colonização dando espaço para sua afirmação de identidade e posicionamento político. A autora também reforça o fato de se pensar a moda, o corpo e seus marcadores em processo de intersecção, pois

(...) são discursos materializados na linguagem da aparência e na corporalidade das pessoas e, assim, aspectos como gênero, sexualidade, raça/etnia, classe social, acessibilidade e geração, não somente operam como elementos de identificação, mas articulam-se às matrizes produtoras das desigualdades. Assim, numa proposta de análise desses discursos, considerando a moda como um suplemento ao corpo e à materialidade do gênero em suas várias posicionalidades, podemos compreendê-la como espaço de concretização dos marcadores sociais das diferenças. (BARRETO, 2015, p. 45-46).

Mas penso um pouco além, penso em encarar essas marcadores sociais em que autora se refere como da diferença dentro da sociedade como um todo, mas para um grupo, como neste, no caso, o grupo de mulheres negras que são minhas interlocutoras, como marcadores de aproximação, pois a intenção é de subverter os aspectos impostos como negativos para positivos, contribuindo para um processo de emancipação destes corpos. Esses códigos vestimentares quando usados não vão representar apenas uma pessoa, mas sim um coletivo, pois esse corpo emancipado irá (...) remeter sempre a outros corpos, de maneira que a origem e o significado de sua presença se confundem com as tramas com que a própria noção de pessoa é construída. (BARRETO, 2015, p. 46), pois

# ENCONTRO DOS GTS DO COLÓQUIO DE MODA

DE 16/10 A 02/12 DE 2020 - ONLINE

a formação da sujeita mulher negra não pode ser decolada de seu corpo físico, ambos devem ser encarados como continuidade um do outro.

## **SUJEITAS DA PESQUISA E METODOLOGIA**

Como já mencionei anteriormente, tenho como tema de pesquisa do mestrado o afroempreendedorismo feminino na cidade de Curitiba, parto da observação participante na Feira do Afroempreendedor que acontece mensalmente na Praça Zumbi dos Palmares localizada na região periférica. Eu, como mulher negra e pesquisadora, encontrei em minha corporeidade uma forma de aproximação e identificação com minhas interlocutoras. Nas primeiras experiências em campo percebi a forma como elas se apresentavam no evento, sempre muito bem arrumadas, com peças que articulam o agenciamento da estética negra. As peças levam imagens de mulheres negras, cores vibrantes, frases políticas como “vidas negras importam”, algumas delas também utilizam dentro desta composição corporal extensões capilares como tranças e apliques. Percebi que existe essa atenção em comunicar algo através da vestimenta, de afirmar suas identidades como mulheres negras. Além de corpos racializados, generificados, me deparei com corpos que representam décadas de lutas, mulheres mais velhas que possuem um outro processo de construção corporal.

Logo na minha primeira ida a campo, era o mês de julho, mês que se comemora o dia da Mulher Afro-latino-americana e Caribenha (dia 25), assim que cheguei a praça, vi que estava acontecendo uma homenagem para várias mulheres negras que são atuantes, desde os anos 80, no movimento negro curitibano. Foram cerca de 22 mulheres que subiram ao palco e receberam um certificado parabenizando por seus trabalhos na cidade, homenagem feita pelas próprias mulheres na organização do evento. Dentre as falas emocionadas, em vários momentos percebi a maneira em que falavam sobre si, sobre suas construções de identidade e como a corporeidade contribuiu para esse desenvolvimento da autoestima e empoderamento pessoal que partiu para um coletivo, principalmente no que diz respeito ao cabelo. Muitas relataram seus processos de transição capilar e como se sentem hoje livres das amarras estéticas de nossa sociedade estruturalmente racista. Também pontuaram sobre como é importante passar esses aprendizados sobre a construção da identidade da mulher negra para as mais jovens, pois nos dias atuais, o

# ENCONTRO DOS GTS DO COLÓQUIO DE MODA

DE 16/10 A 02/12 DE 2020 - ONLINE

debate sobre a estética e corporeidade negras são mais acessíveis do que na época em que elas começaram a lutar.

Além do uso dos códigos vestimentares pelas feirantes, convidadas e organizadoras do evento, percebi que algumas marcas de moda expõe na feira, observei atentamente quais os tipos de roupas e acessórios que são ofertados nestes espaço, em quase todas as barraquinhas que estavam dispostas nas cinco edições que acompanhei, haviam roupas e acessórios com agenciamento da estética negra, ou seja, em um viés bem mercadológico, se existe a oferta é porque existe a demanda, é porque existe o desejo e procura desses artefatos por outras pessoas negras.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como a pesquisa ainda está em andamento, com etapas ainda para serem realizadas, não tenho como perceber de forma mais aprofundada como essas mulheres negras percebem esse processo do vestir, da escolha desses códigos no momento em que elas estão se preparando, nem de como eles impactam no momento em que estão inseridas neste espaço “intra” da feira e no “macro” da sociedade, mas até o momento percebo que existe uma importância nesta escolha, afinal, em todas as observações de campo vi a forma como seus corpos estavam posicionados e adornados de maneira a comunicar a presença e construção de um corpo político.

Dentro dessa microesfera da feira, existem diversos objetivos para que este evento aconteça, dentre eles estão o afro consumo, fazer circular esse “dinheiro negro” e promover a autoestima da população negra, que são práticas antirracistas, práticas que estão sendo trabalhadas por um único o objetivo final, a emancipação da população negra, dos corpos e seu sujeitos políticos, principalmente destas mulheres que se apropriaram desse espaço físico, tomando para si em conjunto rumo a esse processo de emancipação social. A moda é potente, ela como fenômeno social que é, possui uma capacidade considerável de agir como ferramenta de luta política, onde o gênero e a raça são percebidos de forma potente e revolucionária.

# ENCONTRO DOS GTS DO COLÓQUIO DE MODA

DE 16/10 A 02/12 DE 2020 - ONLINE

## Referências:

BARRETO, Carol. SILVA. Leandro Soares da. **Moda: aspectos discursivos da aparência.** Foz do Iguaçu. 2015. Revista Ideação. V.01, n° 31, p. 39-57.

GOME, Nilma Lino. **A Compreensão da Tensão Regulação/Emancipação do Corpo e da Corporeidade Negra na Reivindicação da Resistência Democrática.** Revista Perseu, n° 17, p. 123-142. 2019. Disponível em <https://revistaperseu.fpabramo.org.br/index.php/revista-perseu/article/view/301>. Acesso em 26 de agosto de 2020.

SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia.** Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 2010.

**Palavras-chave:** corpo; gênero; raça.